

## Índice

I. A Invasão dos Bárbaros	9
II. O Século dos Bacharéis	33
III. Ditadura e Revoluções	55
IV. As Minhas Recordações	69
Epílogo	125

Pouco a pouco, nos interstícios das Ciências Sociais, nasceu uma ideologia presumidamente de esquerda afirmando ser urgente pôr fim às desigualdades sociais no acesso ao ensino superior. De início em surdina, e depois em voz alta, começámos a ouvir intelectuais argumentando que uma das mais céleres maneiras de tal se atingir seria através de alterações curriculares. A noção de elite ia desaparecer<sup>1</sup>.

A designada Cultura Superior passou a ser substituída por «culturas», um termo nascido na Antropologia com óbvias conotações igualitaristas, no sentido em que, ao abordar os comportamentos dos nativos, o profissional não deveria tecer juízos de valor, mas tentar compreender-lhes os modos de vida. Dentro desses seus muros disciplinares, a ideia era boa; importada para outras áreas revelou-se um veneno.

A esta ideologia veio juntar-se a ideia de que a escola, incluindo a Universidade, apenas deveria transmitir conhecimentos úteis. O saber puro, o deleite da descoberta, o prazer da experimentação deixaram de ter cabimento nos estabelecimentos de ensino, subs-

1 Ver, por exemplo, o que o ex-Secretário de Estado do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Pedro Teixeira, afirmou recentemente: «Não defendo um modelo elitista de ensino superior, onde só entram os muito bons.» *Público*, 30.8.2025.

tituídos, como foram, por outros «saberes», que vão de «choques tecnológicos» a «competências linguísticas». Para estes intelectuais, o saber deveria ser considerado, não como o fruto do trabalho desinteressado, mas como o produto final de um processo tecnológico. É por estas e por outras que o pós-modernista Jean François Lyotard anunciou a Era da Morte do Professor. Segundo ele, na transmissão do conhecimento, um professor não seria mais competente do que um banco de dados. A escola poderia, por conseguinte, ser substituída com vantagem por um computador. Isto antes de ter nascido a AI (Inteligência Artificial). O que este filósofo esquece é o que qualquer ser humano sabe por experiência própria: tanto ou mais do que o conteúdo de uma disciplina, o que por vezes nos marca para a vida é a personalidade de um professor<sup>2</sup>.

Do cimo da sua sapiência, os «filósofos-cientistas» pensam que o homem comum não é capaz de apreciar a Cultura Superior excepto na versão diluída que, da escola primária à Universidade, lhe é oferecida. As actuais políticas educativas constituem um cruzamento entre a menorização e a psicoterapia: menorizam os estudantes, porque os nivelam pelo menor denominador comum, e “psicoterapizam” a cultura, porque não querem beliscar a «auto-estima» dos adolescentes.

Conheço melhor a Universidade do que outros níveis da escolaridade e, por isso, prefiro falar do que ali se passa. Nos últimos 50 anos, o ensino superior português teve uma expansão importante. Para o bem e para o mal, a massificação do acesso às Universidades não cessou de crescer. Em 1974, a taxa de participação da coorte de idade entre os 18 e os 25 anos no ensino superior era de cerca de 7%, percentagem que subiu para 50% em 2023<sup>3</sup>.

2 Vale apenas ler a carta que Albert Camus escreveu ao seu professor da instrução primária após ter recebido, em 1957, o prémio Nobel da Literatura. Está acessível na Internet.

3 D. Justino, *O Ensino em Portugal. Antes e Depois do 25 de Abril: o Ensino Superior*, Porto, Fundação Belmiro de Azevedo, 2024.

No último ano existiam 448 235 estudantes a frequentar o ensino superior (incluindo licenciatura, mestrado e doutoramento)<sup>4</sup>.

Na minha qualidade de docente e de avó, tenho debatido com jovens o modo como escolher um curso universitário. A primeira coisa que lhes digo é que, mesmo no caso de terem médias altas no 12.º ano, não vão necessariamente para Medicina, Direito ou Gestão, as opções que, tendo em conta uma real ou hipotética empregabilidade, os paizinhos apreciam. Depois, relembro-lhes que uma Universidade não serve apenas, nem sobretudo, para formar os indivíduos robóticos que os políticos julgam necessários ao funcionamento da Economia. Uma boa Universidade destina-se sobretudo a ensinar a pensar. Isto, sim, é imprescindível.

Os jovens não devem encarar a Universidade como um comboio. Se tiverem escolhido um curso cujos carris conduzam a um trabalho que não seja do seu agrado, devem voltar atrás. Na vida, há muitos caminhos. Pena é que as Universidades portuguesas não tenham, como os comboios, alguns ramais, de onde se possa saltar de um para apanhar o outro. Nasceram rígidas e rígidas se mantêm.

Viajar é importante, e com o apoio do programa Erasmus é agora mais fácil do que no meu tempo. Infelizmente, a maneira como o esquema da União Europeia está montado faz que apenas possa ser utilizado por alunos cujos pais tenham um rendimento que lhes permita pagar alojamento e comida. Seja como for, lembrem-se de que o cantinho português é mesmo um cantinho.

A propósito, aconselho a leitura da transcrição da conferência feita, em 2008, por J. K. Rowling — sim, a do Harry Potter — aos alunos da Universidade de Harvard e publicada em português sob o título *Uma Vida Muito Boa: Os Benefícios do Fracasso e a*

<sup>4</sup> Diário de Notícias, 29.8.25.

*Importância da Imaginação*<sup>5</sup>. Vejam a maneira como ela soube ultrapassar os desejos dos pais, que eram pobres. Compreensivelmente, estes andavam preocupados com o futuro da filha, tendo procurado convencê-la de que, em vez de Humanidades, escolhesse um curso com maior empregabilidade. Mal sabiam que, ao resistir ao seu apelo, ela se iria tornar milionária.

Às vezes, tenho a sensação de que, em Portugal, tudo piorou. Em 1996, apareceu uma brochura, intitulada «Exames do Ensino Secundário e Acesso ao Ensino Superior / 96», editada pelo Ministério da Educação. Eis a primeira frase: «A classificação interna anual destas disciplinas é uma média aritmética ponderada da classificação de frequência atribuída pelo professor (CF) e da classificação da prova global (PG), de acordo com a seguinte fórmula,  $CI = 0,75CF + 0,25PG$ .» Muitos são os responsáveis por esta situação, desde logo o Ministério. Mas, uma vez que, por preguiça, abdicam da possibilidade de ter uma palavra a dizer sobre os alunos que nelas ingressam, as Universidades são cúmplices deste crime. Os magníficos reitores resignam-se a entregar a selecção dos alunos aos professores do Ensino Secundário e aos burocratas do Ministério.

Estou consciente das dificuldades de reformar as Universidades em 1974. Sem um passado em que ancorar os cursos, defrontado com uma classe média que exigia que os filhos tivessem acesso ao ensino superior, não dispondo de um corpo docente qualificado, o regime democrático viu-se perante um problema difícil. Conscientes de que os estudantes que estavam a sair das faculdades pouco ou nada sabiam, os ministros da Educação consideraram que a solução consistiria em injectar dinheiro no sistema. Talvez que isto fosse aceitável se as instituições funcionassem, mas não era esse o caso.

<sup>5</sup> J. K. Rowling, *Uma Vida Muito Boa: Os Benefícios do Fracasso e a Importância da Imaginação*, Lisboa, Presença, 2017. Pode ouvir o que ela disse no Youtube: «J. K. Rowling Speaks at Harvard Commencement» (2008) em inglês.

Na Universidade de Oxford, a única que conheço por dentro, os alunos não são arregimentados por disciplinas — estas organizam-se por departamentos a que todos os estudantes têm acesso — mas pelos Colleges a que pertencem. Foi no refeitório de St Antony's que um colega me explicou o que era um acelerador de partículas, uma menina me contou como andava a analisar a reprodução de certas aves e um outro aluno me confidenciou que o maior escritor russo era Turguenev. Não há modo de explicar quanto isto contribuiu para a minha cultura geral.

Foi Oxford que me deu a perceber o que era a liberdade de expressão. Aliás, as lutas dos estudantes quando ali cheguei, pouco tempo depois de Maio de 1968, eram pueris: o primeiro confronto consistiu na recusa das *Deo gratias* antes da refeição e no uso da toga negra no refeitório. Nem recordo já como tudo isso acabou. Suponho que os estudantes ganharam, visto eu nunca ter comprado a toga negra nem aliás o colorido traje académico dos doutorados. Os estudantes estavam mais interessados em consumir o haxixe que lhes vinha da América Latina (em St Antony's havia um importante centro de investigadores latino-americanos) do que em lutar contra os aspectos obsoletos da instituição.

Desde a Grécia Antiga que se tem discutido qual a melhor forma de ensinar. Fizeram-se centenas de experiências para afinal se chegar à conclusão de que seria através do diálogo. O mestre desafia o aluno, corrige-o quando este diz asneiras e louva-o quando ele é capaz de elaborar um argumento inteligente. É isto que, sob a designação de *tutorials*, as grandes universidades contemporâneas mantêm<sup>6</sup>. De tudo o que aprendi em Oxford — e é por isso que guardei o meu primeiro ensaio escrito em Setembro de 1971 — nada se compara com a conversa que mantive com o

6 Como é evidente, este tipo de ensino é extremamente dispendioso pois exige um número muito elevado de docentes. Segundo as últimas informações disponíveis, em Oxford o custo de um ano na pós-graduação por parte de estudantes estrangeiros varia entre £35,260 e £59,260 (não estando incluídos nem o alojamento nem a alimentação).